

ÁFRICA DO SUL

ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA

UMA AVENTURA FANTÁSTICA

ÁFRICA DO SUL

A Viagem dos Sonhos



ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA

**UMA AVENTURA
FANTÁSTICA**

Copyright © 2020 by **Antônio Sérgio Carréra**

Todos os direitos reservados ao autor. Vedada a produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. Os direitos desta obra não são cedidos.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Capa

www.canva.com

Antônio Sérgio Carréra

Diagramação e Revisão

Antônio Sérgio Carréra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica

Carréra, Antônio Sérgio.

C314a África do sul: uma aventura fantástica / Antônio Sérgio Carréra. – 1ª ed.
Camaçari/BA: Noveprimer, 2020.

168 p.: il.

ISBN: 978-65-87229-03-4

1.Literatura. 2. África. 3. Joanesburgo. 4. Cidade do Cabo. 5. Pilanesberg. 6. Safari. 7. Mandela. I. Título.

821 CDU (1999)

Fabiana Belo – CRB-4/1463

Daqui a vinte anos, você não terá arrependimento das coisas que fez, mas das que deixou de fazer. Por isso, veleje longe do seu porto seguro. Pegue os ventos. Explore. Sonhe. Descubra.

(Mark Twain)

Para Maria Eugênia, Valentina, Henrique, Lívia, Luizinho, Jonny, Gisele, Letícia e Rafaela. Indiscutivelmente, os melhores companheiros de viagem que alguém poderia ter.

SUMÁRIO

- Capítulo 1-** Insônia, 11
- Capítulo 2-** Os preparativos, 24
- Capítulo 3-** E lá fomos nós, 35
- Capítulo 4-** Começa a aventura, 47
- Capítulo 5-** Table Mountain, um espetáculo à parte, 63
- Capítulo 6-** Uma voltinha pela península, 75
- Capítulo 7-** Johannesburg, 95
- Capítulo 8-** Museu do Apartheid, Golf Reef City, 111
- Capítulo 9-** Os “Big Five”, 123
- Capítulo 10-** Passando na casa de Madiba, 146
- Capítulo 11-** Artesanato, 157
- Epílogo,** 165

CAPÍTULO 1

Insônia

Passava um pouco das 02h quando terminei de assistir “Ben Hur”, acho que pela 20ª vez. Estava sem sono. Tomei um copo de Coca-Cola e resolvi esperar sentado, na poltrona da varanda, que Morfeu chegasse e me jogasse num sonho bom. O privilégio de morar no 24º andar me proporcionava momentos de prazer, como o de contemplar a linda vista da cidade, iluminada pela lua cheia estacionada ao meu lado. Entre um olhar na direção do mar e outro na rota dos aviões que passavam bem em frente ao meu prédio, em suas manobras de aproximação para o aeroporto de Salvador, eu não conseguia deixar de pensar em atravessar o Atlântico, mais uma vez, depois de tantos anos passados desde minha experiência na África, onde estive a serviço das Nações Unidas em uma missão oficial.

Aviões me fascinavam, apesar do medo que sentia quando estava dentro de um deles e tinha que encarar uma tempestade pela frente. “Nunca mais ando de avião” – era o que eu dizia naquelas situações, mas não

demorava muito e lá estava eu vivendo outra experiência entre as nuvens. Observando a beleza das curvas que aqueles gigantes dos céus faziam à minha frente, eu enxergava com os olhos da mente os rostos dos passageiros colados nas janelas, tentando identificar um ponto ou outro lá embaixo. A impressão era a de poder alcançá-los com as mãos quando passavam bem em frente à prumada do meu apartamento, mas era naqueles momentos que eu despertava para a realidade. Pura ilusão. Era apenas a vontade de estar no lugar deles rumo ao desconhecido.

Eu adorava mergulhar nas viagens que se iniciavam ali, no momento daquelas passagens, com o mar azul à minha frente. As asas da minha imaginação me levavam para longe e agitavam meu espírito aventureiro, mas a oportunidade ainda não havia chegado.

O vento que entrava pela varanda era muito forte naquela madrugada de insônia, e trazia com ele um frio terrível que se misturava com a brisa do mar para invadir meu apartamento, passando a incomoda sensação de que o prédio ia cair. O som característico da ventania passando com um assobio, indicava que o tempo talvez mudasse e aí, certamente, Morfeu encontraria meu endereço.

Enquanto isso não acontecia, entre um avião e outro, me lembrei do dia em que cheguei a Salvador para realizar um curso na Polícia Militar da Bahia, que era de caráter obrigatório na carreira para minha ascensão funcional, ou seja, me habilitaria à promoção ao último posto – o de Coronel. Olhando as estrelas naquele céu especialmente maravilhoso, sem nuvens, fiz um rápido

retrospecto até minhas origens, precisamente, quando deixei minha querida cidade, Recife, para iniciar uma nova carreira em Brasília, na Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF).

O início desse rápido devaneio veio com a passagem dos aviões diante dos meus olhos e foi através de um deles que alguns anos atrás eu sobrevoava aquele mesmo caminho em direção ao aeroporto, onde um futuro me esperava, diferente daquele que eu havia planejado. Aviões sempre me impeliam a procurar destinos pelo mundo para conhecer um pouco da história das grandes nações, de seu povo e seus costumes. Viajar era minha maior diversão, e daquela compulsão eu não conseguia – nem queria – escapar.

De repente, lembrei-me de um compromisso assumido comigo mesmo de escrever um livro sobre minha passagem pela PMDF, já que eu havia editado, alguns anos antes, uma obra sobre meu tempo no Exército Brasileiro, onde passei oito anos da minha vida servindo em três Organizações Militares operacionais daquela Força. Num salto mental e literalmente, da poltrona onde eu estava, resolvi começar a colocar no papel tudo que fiz ao longo dos 26 anos que passei em Brasília.

Corri para o computador para iniciar o que seria um longo e cansativo trabalho para compilar tudo que eu havia feito naquele período, ou seja, todas as informações que estavam guardadas e vivas na minha cabeça, alinhadas com minha Ficha de Assentamentos profissionais, onde constavam todas as publicações importantes relativas às funções que desempenhei na

corporação. Acredito que esse despertar para a questão do novo livro foi o estalar de dedos para correr e ligar o computador, e fazer o que eu sempre fazia quando acessava a internet: deixar abertas todas as páginas dos sites que eu conhecia de operadoras de viagens e empresas aéreas, aguardando ofertas de promoções de passagens e hospedagens pelo mundo.

O sono ainda não havia dado qualquer sinal quando fiz um café rápido, peguei minha xícara e entrei no *home office* montado no antigo quarto de empregada, o qual nunca havia sido usado. Achei excelente a ideia de utilizar aquela dependência para meus trabalhos, assim como para uso de Valentina, minha filha de cinco anos de idade, que já engatinhava no mundo da informática, por sua localização posterior à cozinha e assim, longe do barulho que vinha das outras dependências – de pessoas conversando em voz alta, TV ligada e, às vezes, um sistema de som gritante, além dos falatórios, que eram frequentes entre Maria Eugênia, minha esposa, e as “secretárias do lar”, assim como de Valentina com as amiguinhas.

Já era automático: eu só colocava a letra inicial do site de viagens e já aparecia o website da operadora. Às vezes, acessava também sites de empresas europeias e asiáticas para conhecer as tarifas de voos internos que, muitas vezes, eram infinitamente mais baixas e até mesmo simbólicas, o que permitia montar roteiros e escolher voos intercontinentais mais baratos.

Nas ocasiões em que não havia um destino específico a pesquisar, normalmente eu abria os sites onde

poderia, eventualmente, conseguir uma boa tarifa. Mas tudo variava muito e eu achava até que era, mais ou menos, sazonal. Numa determinada época era melhor buscar em operadoras, em outras, direto na empresa aérea. De qualquer forma, sempre era importante consultar os valores das companhias aéreas mesmo encontrando promoções em sites específicos.

Naquela época, final de 2016, havia alguns sites que se especializavam em rastrear as melhores tarifas e também elaboravam matérias de cunho turístico para os viajantes. Esses sites não vendiam as passagens, acomodações em hotéis, passeios ou pacotes, apenas direcionava o interessado a uma determinada companhia ou operadora.

Minha preferência recaía sempre no site brasileiro “Melhores Destinos”, o qual eu considerava o melhor de todos, porque oferecia um serviço de qualidade e também anunciava antecipadamente as promoções, além de prestar inúmeras informações sobre os destinos em foco, principalmente dicas para facilitar a vida do visitante.

Todo o trabalho de pesquisa, escolha e compra, envolvia muitas nuances e os compradores deveriam conhecer todos os detalhes referentes ao processo de escolha e compra, uma vez que eles influenciavam quando havia qualquer tipo de alteração extraordinária, como cancelamentos, adiamentos, reembolsos, marcação de assentos, enfim, uma série de “coisinhas” que pegava o passageiro, às vezes, de surpresa.

Assim que me sentei para começar a escrever sobre minha carreira policial, abri, como de costume, os

principais sites de viagens, cuja escolha variava de pessoa para pessoa. Minhas opções recaíam naqueles que eu considerava “padrão”, como a Expedia, Submarino Viagens, Decolar e Viajanet, além do já mencionado “Melhores Destinos”. A partir deles, eu também deixava “abertas” as páginas das companhias aéreas de meu maior interesse, que eram, além das que operavam regularmente no Brasil como a TAM, GOL, Avianca e Azul, a American Airlines, Air France, Air Portugal, Air Europa e Copa Airlines, transportadoras que tinham voos diretos para a Europa e Estados Unidos a partir de Salvador. Além dessas, eventualmente, as de baixo custo na Europa como a Easyjet, Vueling e Ryanair.

O motivo de deixar esses sites abertos se dava em razão de, eventualmente, surgirem – a qualquer hora – promoções relâmpagos, ou seja, aquelas que aparecem de repente e não dá tempo para o interessado pensar muito a respeito da compra ou não. A simples opção de ir tomar um cafezinho na cozinha ou cochichar aos ouvidos da esposa que dormia para se decidir, poderia ser tarde demais, ou seja, perderia a oportunidade.

Arriscar, por exemplo, ir à Roma por R\$ 458,00, já com as taxas de embarque incluídas, a partir de São Paulo, como aconteceu quando eu estava em um Shopping Center da cidade, tendo a promoção sido encerrada ao chegar em casa.

Para mim, além de tudo, era uma diversão e uma prestação de serviço indireto às pessoas do meu ciclo de amizade, pois eu sempre passava a elas as oportunidades